

Auto-estima diminuirá preconceito

O resgate da memória de cada cidade e sua importância na história do DF pode quebrar as barreiras entre a população

Além de identificar a discriminação como um dos defeitos de Brasília; a pesquisa elaborada e realizada pela Who mostrou também que os brasilienses querem mudar essa situação. A maioria dos entrevistados disse querer que a discriminação acabasse. O primeiro passo para essa mudança pode ser o crescimento da auto-estima dos moradores das cidades do DF. É o que defendem vários especialistas da área.

Para a coordenadora do Núcleo de Estudos da Cultura, Oralidade, Imagem e Memória no Centro Oeste (NecoiM) da UnB, Nancy Alessio Magalhães, um dos caminhos para isso é resgatar a história de cada cidade, mostrando à comunidade a sua importância na construção de Brasília.

“O passo fundamental é mudar a mentalidade dos moradores dessas cidades”, afirma. “Como aconteceu na Vila Planalto onde, unidos por um motivo em comum (garantir a continuidade da cidade), os moradores brigaram pela sua cidadania e dignidade”. Segundo a professora, os habitantes da Vila Planalto se descobriram pioneiros em Brasília e hoje têm muito mais orgulho de viverem no local.

Nancy admite, porém, que essa não é uma mudança fácil já que é preciso lidar também com os preconceitos dos moradores do Plano Piloto. E argumenta

que a cultura pode ser um grande passo para se quebrar as barreiras entre a população. “Não há porque segregar eventos culturais do Plano e de outras cidades, porque não aliar as produções?”, propõe.

Para o historiador Paulo Bertran, em algumas cidades do Distrito Federal já há um começo promissor de auto-estima local. O orgulho de morar onde mora e fazer parte de uma comunidade mais calorosa do que as das superquadras do Plano cresce cada dia mais. “Talvez o fato de terem nascido mais organicamente, sem planejamento, tenha deixado as comunidades de fora do Plano mais atuentes e receptivas”, diz o historiador. “E isso ajuda na construção da auto-estima e no fim do preconceito.”

Bertran defende que o preconceito é sentido muito mais pelas pessoas que moram nas cidades, mas trabalham e estudam no Plano, do que pelas que têm a sua rotina dentro da própria comunidade. “Esse tipo de discriminação é mais acentuado para quem passa o dia no Plano”, declara. Segundo ele, alguns moradores de outras regiões administrativas raramente vão ao Plano Piloto, porque têm tudo que precisam em suas próprias comunidades. “Como não saem da cidade onde moram, essas pessoas nem percebem a discriminação”, acredita. (Paola Lima)